

# ENGAJAMENTO PROFISSIONAL DE DOCENTES: DO MERCADO MIDIÁTICO À POLÍTICA EDUCACIONAL

## TEACHERS' PROFESSIONAL ENGAGEMENT: FROM THE MEDIA MARKET TO EDUCATIONAL POLICY

Jocemara Triches (UFSC)\*

Angelo Henrique Goldoni Puntel (UFSC)\*\*

### Resumo:

Trata-se de um trabalho que busca compreender o significado e o sentido de *engajamento*, em especial de *engajamento docente*, fortemente presente na Resolução N° 2/2019, que define a BNC-Formação inicial de professores – por nós denominado como um novo *slogan* da política educacional. A partir de pesquisa documental e bibliográfica mapeamos a expressão *engajar/engajamento* vendo como, onde, por quem tem sido usada e de que forma é apropriada pela área da educação, tanto na produção acadêmica como na política educacional. Em síntese, identificamos seus sentidos no dicionário, nas produções voltadas ao mercado das redes sociais, na retórica do Banco Mundial e na política educacional brasileira. Entre os resultados apresentados estão: o termo, derivado do francês, está relacionado com envolvimento, comprometimento e empenho por algo; no mercado midiático indica tempo e forma de envolvimento e interação com alguma coisa, que pode ser quantificada e pode gerar retorno financeiro; o *engajamento*, via *gamificação*, tem sido usado como competência esperada do trabalhador e estratégia de ampliar a produtividade; na educação o termo, usado mais recentemente, está presente na BNCC, na Resolução supracitada e, principalmente, na produção acadêmica, com defesa de metodologias *gamificadas*, indicando concordância e fortalecendo a lógica competitiva e meritocrática; em nosso entendimento a essência de *engajamento docente* é perversa e composta por muitas faces, representando mais uma estratégia de responsabilização, intensificação e controle dos profissionais da educação. Em última instância, o projeto de formação de professores implementado no país atende os interesses do capital e, portanto, a manutenção do *status quo*.

**Palavras-chave:** Política Educacional. Formação inicial de Professores. BNC-Formação inicial. Engajamento docente. *Slogan* educacional.

### Abstract:

---

\* Professora Dra EED/CED/UFSC. Membro do Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho (GEPETO/UFSC). E-mail: jtriches.ufsc@gmail.com

\*\* Estudante do curso de Graduação em História/UFSC. Bolsista PIBIC/CNPq/UFSC (2022-2023). E-mail: puntelangelo@gmail.com

This is a work that seeks to understand the meaning and sense of engagement, especially teacher engagement, strongly present in Resolution No. 2/2019, which defines the CNB-Initial teacher training - we call it a new *slogan* of educational policy. From documentary and bibliographic research we mapped the expression engage/engagement looking for how, where, by whom it has been used and how it is appropriated by the field of education, both in academic production and in educational policy. In summary, we identify its meanings in the dictionary, in productions focused on the social media market, in the rhetoric of the World Bank, and in Brazilian educational policy. Among the results presented are: the term, derived from French, is related to involvement, commitment, and endeavor for something; in the media market it indicates time and form of involvement and interaction with something, which can be quantified and can generate financial return; engagement, via gamification, has been used as a competence expected of the worker and a strategy to increase productivity; in education the term, used more recently, is present in the CNCB, in the aforementioned Resolution and, especially, in academic production, with defense of gamified methodologies, indicating agreement and strengthening the competitive and meritocratic logic; in our understanding the essence of teacher engagement is perverse and composed of many faces, representing one more strategy of accountability, intensification and control of education professionals. Ultimately, the teacher training project implemented in the country serves the interests of capital and, therefore, the maintenance of the status quo

**Keywords:** Educational Policy. Initial Teacher Education. CNB-Training. Teacher Engagement. Educational *slogan*.

## **Introdução**

Este trabalho parte das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica (DCNFIP), divulgadas no Brasil via Resolução nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que também institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores (BNC-Formação Inicial) (BRASIL, 2019). Nosso foco está, especialmente sobre o conceito de *engajamento*, fortemente presente no documento.

Para iniciar o debate, fazemos quatro comentários de contextualização sobre a Resolução nº 2/2019 (BRASIL, 2019): a) ela substitui a Resolução n. 2/2015, inclusive impactando significativamente na organização dos cursos de licenciatura em Pedagogia, a partir do que estava previsto na Resolução n. 1/2006 (BRASIL, 2015; 2006); b) o projeto de formação docente nela contido está articulado, organicamente, com as últimas reformas educacionais, especialmente como o novo Ensino Médio e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017; 2018); c) ela representa um tema candente na formação docente e na política educacional, repleto de polêmicas, de críticas e de disputas entre

projetos de formação<sup>2</sup>; d) apesar de quase quatro anos de aprovação, ainda está em curso tentativas de revogação da BNC-Formação Inicial, defendidas por diferentes movimentos e coletivos educacionais. O que não está definido na conjuntura política atual do país, a partir do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT, mandato 2023-2026), é o quanto esta correlação de forças representará o atendimento do pedido de revogação ou conciliação entre os distintos grupos e projetos educativos<sup>3</sup>.

Quanto ao conteúdo das DCNFIP (BRASIL, 2019) nos chamou atenção a insistência no uso de duas expressões utilizadas nas 20 páginas do documento: *comprometer/compromisso* e *engajamento/engajar-se* (usadas 17 vezes respectivamente). Esta última representa um vocabulário novo nas políticas de formação docente e não nos parece apenas um recurso linguístico na moda, mas, sim, como um dos novos *slogans* das políticas educacionais (EVANGELISTA, 2014), que buscam gerar consenso em torno dos projetos formativos em curso e pela manutenção da internalização dos interesses capitalistas (MÉSZÁROS, 2004).

Assim, contando com ajuda teórico-metodológica de autores marxistas, o objetivo do presente trabalho é analisar o sentido de *engajamento docente* e as implicações deste na formação de professores e na formação da classe trabalhadora<sup>4</sup>. Na esteira das reflexões de Shiroma e Evangelista (2014, p. 13) sobre os *slogans* na política educacional, “nosso compromisso é o de compartilhar com o leitor possíveis interpretações sobre o que revelam e escondem tais *slogans*, refletir sobre suas consequências [...]”. Faz-se importante reforçar que este trabalho representa um esforço inicial de análise, sabendo que não esgotaremos o debate, tampouco daremos conta de toda sua complexidade.

Para tanto, mapeamos desde o significado da expressão *engajar/engajamento* até o como, onde, por quem tem sido usada e de que forma tem sido apropriada pela área da educação, tanto na produção acadêmica como nos discursos do Banco Mundial (2018) e na política educacional. Em outras palavras, identificamos seus sentidos no dicionário, nas produções voltadas ao mercado midiático, na retórica de Organismo Multilateral, na produção acadêmica da nossa área e na política educacional brasileira.

---

<sup>2</sup> Sobre as críticas as DCNFIP (BRASIL, 2019) conferir Evangelista, Feira e Titon (2019), ANPEd (2019), Anfope e Forumdir (2021), RePPed e ANDIPE (2022), Brandt e Hobold (2023).

<sup>3</sup> Isso vale principalmente quanto à Reforma do Ensino Médio e à Resolução n. 2/2019 (BRASIL, 2017; 2019). Entretanto, não faz muito sentido a revogação apenas de um dos documentos, pois há relação entre eles e com a BNCC.

<sup>4</sup> Este trabalho representa um dos resultados de uma pesquisa maior ainda em andamento (TRICHES, 2021), na qual se vincula o bolsista PIBIC.

O trabalho está organizado em três partes, sendo que na primeira apresentamos o significado de *engajamento* no dicionário e seu uso nas redes sociais; em segundo mostramos como o Banco Mundial tem usado a expressão como estratégia para construir uma narrativa dos problemas sociais, econômicos e educacionais para o Brasil; por fim, como o engajamento tem aparecido nas políticas educacionais, em especial na formação docente proposta pela Resolução n. 2/2019, mostrando a aparência e essência do *slogan engajamento* profissional de docentes.

### **O conceito e os sentidos do uso de *engajamento***

A palavra *engajar* deriva do francês *engager*, que significa envolver (CUNHA, 2010, p. 266). Segundo consta no Dicionário Online de Língua Portuguesa Houaiss (2023) a expressão *engajar/engajamento* pode ser entendida como: contratar ou ser contratado, alistar(-se), comprometer(-se), “atrair (alguém) por meio de ou ser atraído por (linha de pensamento ou ideal filosófico, político etc.); [...] dedicar-se com afinco a (alguma tarefa, atividade etc.)” (HOUAISS, 2023). O sentido central da palavra se refere a “estar engajado a uma atividade específica”, a qual relaciona-se, quase sempre, com o termo político. Dito de outra forma, “participação ativa em assuntos e circunstâncias de relevância política e social, passível de ocorrer por meio de manifestação intelectual pública, de natureza teórica, artística ou jornalística, ou em atividade prática no interior de grupos organizados, movimentos, partidos etc.” (HOUAISS, 2023). Também pode ser conceituado como:

3 Arrebanhar adeptos para uma causa política, social, filosófica etc. [...]; 4 Abraçar um ideal filosófico, social, político etc. e lutar por ele [...] 5 Alinhar-se a determinada ordem de ideias ou de ação coletiva; pôr-se a serviço de uma causa [...]; 6 Empenhar-se, esforçar-se, lutar por. (MICHAELIS, 2015).

A partir do significado de *engajamento* em Dicionários de Língua Portuguesa constatamos uma associação do termo com a palavra *envolvimento* – que, por sua vez, quer dizer envolver-se com uma determinada ideia, a serviço de uma causa (MICHALIS, 2015; PRIBERAM, 2023; HOUAISS, 2023). Apesar de próximos, consideramos que os dois termos não são sinônimos e há interesses ao se usar prioritariamente *engajamento* ao invés de *envolvimento* na política educacional. O primeiro termo parece indicar maior vínculo, fator que prende atenção sobre algo ou alguém, que gere ação, movimento futuro e que, principalmente, possa ser comprovado/mensurado. Outro

fator que justifica o uso desta palavra, por mais sutil que possa parecer, está associada a questão do tempo/intensidade. Enquanto estar envolvido aponta para algo como um relacionamento, ou seja, algo mais emocional (parece indicar passividade do sujeito), *engajamento* implica em uma atividade ou causa específica de maneira a participar ativamente dela, gerando ação (sujeito ativo).

Sabemos que seu uso recorrente tem se dado pela área das comunicações e sistema da informação, especialmente via mídias e redes sociais. Nestas, o *engajamento* está ligado à lógica de interação ativa pelo usuário com um conteúdo. Estar engajado nas redes significa estar executando uma ação ativamente, o que pode ser, por exemplo, uma interação a partir de uma curtida, comentário ou compartilhamento. Essa ação pode ser calculada através de uma métrica que vai apontar para a taxa de engajamento que está sendo gerada, inclusive com retorno financeiro.

O fator econômico não é, necessariamente, o fim último dos interesses pelo engajamento nas redes sociais, nele também está contido seu poderio como ferramenta política e na reprodução ideológica. Mas, mesmo assim, é indiscutível o interesse do mercado com essa questão, inclusive com a venda de cursos sobre o assunto.

Na *internet* encontramos facilmente dezenas de cursos e publicações oriundos de instituições empresariais e educacionais reconhecidas orientando como gerar *engajamento* e calculá-lo. Em uma reportagem sobre o assunto, publicada em sua página oficial, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2022) explica que,

Para calcular a métrica, considera-se o total das interações, que pode ser segmentado por campanha, *post* ou período de tempo - depende da sua estratégia de mensuração. O resultado dessa soma deve ser, então, dividido pelo alcance total da página da empresa naquela rede, que é a quantidade de seguidores. O número decimal resultante dessa conta pode ser multiplicado por 100 para obter a taxa percentual de *engajamento* do perfil. (SEBRAE, 2022)

Levando em conta esse mecanismo, observa-se uma relação com a questão do tempo de atividade. Quanto mais tempo uma pessoa se mantém engajada, vinculada, presa em algo, com interação ativa com o conteúdo exibido, maior será a taxa de *engajamento*. Outro fator que contribui para isso são os direcionamentos específicos que as redes buscam e criam para vincular seus usuários – os algoritmos<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> O Sebrae (2022) afirma que: “é importante entender também que as redes sociais adotam algoritmos, por isso nem todo conteúdo aparece na *timeline* dos usuários. Isso quer dizer que são priorizados os posts que engajam mais [...]”. Isso também significa dizer que a pessoa tende a não ter contato com aquilo que não lhe “agrada”,

Segundo o artigo de Baldissera (2021), intitulado "O que significa *engajamento* e por que ele é essencial nas organizações", divulgado no *homepage* da PUCPR, *engajamento* deve ser entendido enquanto uma relação entre sujeitos, cujas ações influenciam uns aos outros. Para ela, essa interação deveria "acontecer de forma natural e voluntária, sendo resultado de uma boa experiência para os indivíduos" (BALDISSERA, 2021). A autora destaca o uso do termo ligado à lógica empresarial, tanto na questão do consumo de mercadorias quanto na produção. Aqui, ter trabalhadores engajados significaria ter maior produtividade do trabalho. Em suas palavras, "um funcionário engajado sente-se integrante de um grupo e está comprometido com a equipe, investindo esforços intelectuais e emocionais na organização." (BALDISSERA, 2021).

Baldissera (2021), partindo das definições de Brian Haven, identifica quatro níveis de *engajamento* de consumidores: envolvimento; interação; intimidade; influência. De maneira geral, os quatros níveis têm como ponto em comum criar uma espécie de relacionamento com o consumidor, o que levaria a um maior consumismo. Esses níveis também podem ser levados ao setor produtivo com os trabalhadores, pois este seria uma forma de gerar maior produtividade do trabalho<sup>6</sup> e aumento de lucro, segundo discurso dos intelectuais do mercado ou por seus difusores – individuais ou coletivos (BALDISSERA, 2021; SEBRAE, 2022; BANCO MUNDIAL, 2018).

Dada a importância na qual o termo *engajamento* assume quando aplicado no mundo dos negócios, Baldissera (2021) aponta algumas estratégias utilizadas para sua aplicação prática, citando a *gamificação* como caminho profícuo e eficiente. "A *gamificação* transpõe as estratégias dos jogos para o mundo real, com o objetivo de aumentar o *engajamento* das pessoas" (BALDISSERA, 2021). Seu uso se relaciona a metas, regras e objetivos presentes nos jogos quando estipulam "superação de obstáculos" e, por consequência, "sensações de

---

uma vez que, isso faria com que perdesse o *engajamento*. Em outras palavras, somos induzidos, manipulados para determinadas direções e controlados pela mídia. Sobre o funcionamento da indústria das redes sociais, indicamos dois documentários audiovisuais que ajudam a entender a complexidade da questão: "O Dilema das Redes" e "Privacidade Hackeada".

<sup>6</sup> Cabe aqui lembrar os ensinamentos de Marx (2012, p. 365, p.372) sobre o assunto. Ele explica que a produtividade do trabalho significa a "[...] modificação no processo de trabalho por meio da qual se encurta o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de uma mercadoria, conseguindo-se produzir, com a mesma quantidade de trabalho, qualidade maior de valor-de-uso. [...] O desenvolvimento da produtividade do trabalho na produção capitalista tem por objetivo reduzir a parte do dia de trabalho durante a qual o trabalhador tem de trabalhar para si mesmo, justamente para ampliar a outra parte durante a qual pode trabalhar gratuitamente para o capitalista". Afirma ainda: "[...] quanto maior a produtividade do trabalho, tanto menor o tempo de trabalho requerido para produzir uma mercadoria, e, quanto menor a quantidade de trabalho que nela se cristaliza, tanto menor seu valor" e maior a possibilidade de ampliação da mais-valia (MARX, 2012, p. 62)

recompensa”. Nas palavras de Baldissera (2021) “a psicologia por trás da *gamificação* revela que a conquista e a superação movem o ser humano”.

Seu uso, dentro de empresas e escolas, está associado ao discurso meritocrático e competitivo. A utilização desse método – ou estratégia – visa ampliar a produtividade do trabalho e, por consequência, ampliar o lucro dos capitalistas, a partir de maior responsabilização e envolvimento dos trabalhadores, com obscurecimento dos determinantes que constituem essa relação de exploração da força de trabalho. Está em questão a aparência e essência da relação capital e trabalho<sup>7</sup>.

Os argumentos utilizados para justificar a *gamificação* são pseudo poder de gerar maior envolvimento, motivação e *engajamento* dos estudantes. Baldissera (2021) aponta como exemplos para seu uso em escolas “Gamificar a leitura”, “Criação de jogos educativos”, “*Gamificação* da participação em aula”. Essas dinâmicas, quando associadas a lógica do *engajamento* das mídias sociais, também pode vir a servir como métricas para se calcular o desempenho e a produtividade dos alunos.

Fazendo uma rápida busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>8</sup> com as palavras-chave *escola* e *gamificação* encontramos 146 trabalhos, sendo 121 dissertações e 25 teses, todas de 2014 para cá. Até 2019 tínhamos 76 trabalhos de pós-graduação publicados sobre o assunto neste banco de dados. Tudo indica que a pandemia causada pela Covid-19 e o ensino remoto no país (2020-2022) se tornou um terreno fértil para o tema, visto que de 2020 até 2023 pelo menos 70 trabalhos foram publicados sobre *gamificação*, somente nesta plataforma.

Por perceber que nem todos os trabalhos acima indicados tratavam da *gamificação* na educação formal, fizemos nova busca usando os verbetes *educação básica e gamificação*. Com esse filtro foi possível chegar em pelo menos 50 trabalhos acadêmicos (44 dissertações e seis teses), todos de 2016 aos dias atuais.

---

<sup>7</sup> Algumas das mudanças ideológicas que temos visto são: em vez de reconhecer/assumir o trabalhador como empregado, este é chamado de colaborador ou empreendedor; em vez do vínculo empregatício com carteira assinada, o trabalhador vira prestador de serviço com CNPJ; em vez do direito por salário digno e fixo, o retorno mensal é por comissão; em vez de se ter local de trabalho com o capital constante bancado pelo empregador, o teletrabalho ou o *home office* surgem como uma recompensa ou vantagem; em vez de assumir que está tendo pressão por ampliação de produção, estabelece-se a *gamificação* e competição entre trabalhadores no local de trabalho. E como num jogo, nem todos ganham. Quem perde precisa pagar por isso, com menos salário, desemprego ou com internalização da culpabilização (pois não deve ter se esforçado suficientemente) ou, ainda, buscando estrategicamente um culpado externo – responsabiliza-se discursivamente a escola básica como a responsável por esse(s) resultado(s).

<sup>8</sup> Disponível em <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em 24/maio/23.

Salvo engano, todos os textos encontrados nas duas buscas parecem indicar concordância quanto ao uso da *gamificação* e com o discurso de engajamento na educação. Nesses trabalhos a *gamificação* aparece relacionada com: ludicidade, prazer, metodologias ativas e salas invertidas, produção colaborativa, prática engajada, estratégia metodológica, resultados positivos na aprendizagem, entre outras. Seu uso foi pesquisado em diferentes disciplinas curriculares, em diferentes modalidades de ensino, na educação formal e informal, inclusive na formação de trabalhadores em empresas varejistas e no setor de tecnologias.

Por sua vez, fazendo a busca na mesma base de dados a partir dos verbetes *educação básica* e *engajamento*, permitindo a busca em todos os campos dos trabalhos, foram localizados 274 dissertações e 119 teses, totalizando 393 trabalhos acadêmicos. Quando direcionada a procura do segundo verbeito a partir dos títulos dos trabalhos, chegamos a 21 textos de pós-graduação, quase todos de 2015 aos dias atuais. Outra constatação sobre esses trabalhos é que vários deles (12) se referem ao *engajamento docente*<sup>9</sup>.

Entendemos que uma das coisas em comum entre a *gamificação* na escola e na empresa é o estabelecimento de controle dos tempos e dos corpos dos sujeitos. Há um clima de competição e meritocracia, com exaltação do aluno/trabalhador vencedor sobre os outros perdedores e com sistema de “recompensa” ao final – aluno destaque, medalha de mérito, turma nota 10, funcionário da semana etc. Essa metodologia empregada serve para moldar sujeito, fazendo-os interiorizar tais valores, que também são de interesse do mercado de trabalho (MÉSZÁROS, 2004).

Sobre isso parece oportuno retomar as análises de Thompson (2005) e Enguita (1989) sobre o papel da escola no sistema capitalista. O controle do tempo, como uma ação ativa, reflete um dos objetivos da própria escola. Segundo Thompson (2005, p. 292-293), “uma vez dentro dos portões da escola, a criança entrava no novo universo do tempo disciplinado”. Para Enguita (1989, p. 180) “o trabalho escolar, tal como o trabalho produtivo, vê-se reduzido a trabalho abstrato, a tempo de trabalho”. Todo o tempo do estudante dentro da escola deve ser muito bem utilizado e, portanto, produtivo. Enguita (1989) aponta para como esse controle do tempo, em manter os alunos ocupados e manter o controle dos corpos,

---

<sup>9</sup> Citamos como exemplos: “Professores engajados: concepções acerca da formação política” (MOTA, 2017) “Antecedentes de engajamento de professores da educação básica” (MARTINS, 2019); “Professores iniciantes nos anos iniciais do ensino fundamental e a constituição de uma docência engajada” (BAHIA, 2020); “(Des)engajamento moral e atuação docente frente ao *bullying* escolar” (DAUD, 2018); “Pedagogia do engajamento em projetos de intervenção local na formação continuada de docentes na EJA a distância” (COSTA, 2018).

evitando possíveis problemas de indisciplina. Essas seriam obsessões da escola (ENGUIITA, 1989).

Em síntese, dentro das escolas o controle do tempo e dos corpos assume a mesma lógica do tempo capitalista, portanto, o qual irá formar os futuros trabalhadores. Podemos traçar um paralelo com a questão sobre a relação entre o tempo e a disciplina do trabalho. Sobre isso, Thompson (2005) analisou as mudanças técnicas que exigiam uma maior sincronização e controle do tempo no trabalho durante a transição para o capitalismo industrial. Durante esse processo, longo e resistente, a percepção e o próprio conceito de tempo sofreu alteração na lógica de vida das pessoas. “O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta” (THOMPSON, 2005, p.272). Para ele, a escola, como uma das instituições não industriais, era usada para inculcar o “uso-econômico-do-tempo”, fazendo com que desde cedo as crianças e os jovens tivessem essa concepção internalizada: tornando-se um futuro trabalhador mais propenso a adequar-se a ordem e ao ritmo de trabalho que o mercado necessita, ou seja, mais produtivo (THOMPSON, 2005, p.298). “Na sociedade capitalista madura, todo o tempo deve ser consumido, negociado, utilizado: é uma ofensa que a força de trabalho meramente ‘passe o tempo’” (THOMPSON, 2005, p. 298).

Na mesma direção, Enguita (1989, p.187) aponta que,

Através da imersão sistemática em algumas relações sociais educacionais isomorfas com as relações sociais de produção dominantes, a escola seleciona nos indivíduos que constituem seu público aqueles traços que mais convém a estas e, se não existem previamente de forma potencial, utiliza todos os recursos a seu alcance para gerá-los. De certo modo, estes traços de indivíduo e seu ambiente, isto é, como produto da interiorização das relações sociais. (ENGUIITA, 1989, p.187)

Outro autor que aborda sobre o papel da escola na reprodução da ideologia capitalista é o Mészáros (2004, p. 45), demonstrando como o sistema necessita constantemente garantir a internalização de um ideário – entendida como processo de indução, de adesão, de “conformação ou ‘consenso’”, ou, ainda, “uma aceitação ativa (ou mais ou menos resignada) dos princípios reprodutivos orientadores dominantes na própria sociedade, adequados a sua posição na ordem social, e de acordo com as tarefas reprodutivas que lhes foram atribuídas”.

Apesar desses autores não estarem tratando da conjuntura do Brasil e do *slogan* educacional aqui discutido, consideramos suas análises atuais, visto que continuamos vivendo no modo de produção por eles analisados. Assim, entendemos que essas novas estratégias discursivas e ideológicas – *gamificação*, engajamento docente etc. – estão a

serviço da manutenção do sistema capitalista – como também veremos na sequência com o discurso do Banco Mundial (2018).

### **O uso da expressão *engajamento* pelo Banco Mundial**

O relatório do Banco Mundial "Competências e Empregos: Uma Agenda para a Juventude", publicado em 2018, apresenta uma análise que busca criar consenso sobre a situação do mercado de trabalho para os jovens em diversos países comparando-os com o cenário brasileiro<sup>10</sup>. Aponta quais seriam as estratégias para melhorar a empregabilidade desse grupo, levando em conta, principalmente, o cenário globalizado do mundo e as novas demandas do mercado. Entre os pontos levantados está o envelhecimento da população como um fator que acentuaria a necessidade urgente de elevação da produtividade do trabalho por meio da inserção dos jovens no mercado (BANCO MUNDIAL, 2018). Dessa forma, coloca o *engajamento* dos jovens como a estratégia determinante para aumentar a *produtividade* do país – expressão utilizada 45 vezes no relatório de 38 páginas (BANCO MUNDIAL, 2018).

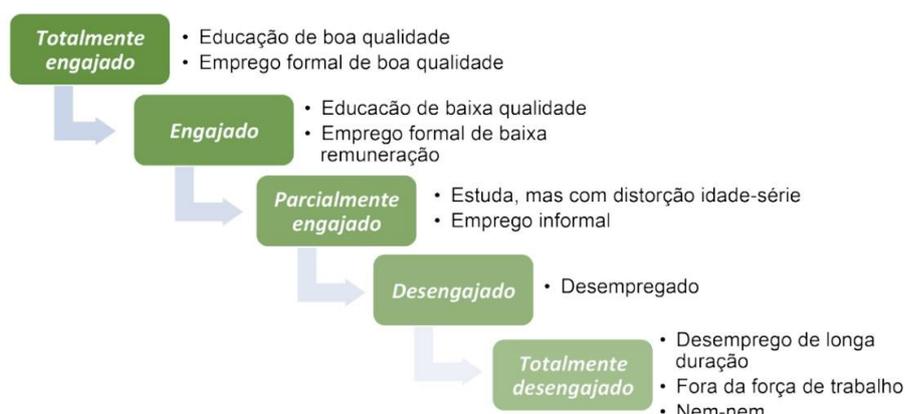
Chamamos atenção para a quantidade de vezes que a expressão *engajamento* e suas variações foram utilizadas no relatório. Buscando a partir do radical da palavra, “*engaja*”, localizamos 44 menções, sendo: “*engajamento*” 17 vezes; “*desengajamento*” 19 vezes e “*engajamento econômico*” sete vezes (BANCO MUNDIAL, 2018).

Para além do uso da expressão, o Banco estabeleceu escalas de *engajamento*, chamando de “Retratos do desengajamento de jovens em uma perspectiva de competências e empregos” (BANCO MUNDIAL, 2018, p. 14), conforme podemos ver na figura abaixo:

---

<sup>10</sup> O discurso presente no documento caminha lado a lado com a reforma do Ensino Médio, que tinha sido implementada no Brasil via Medida Provisória 746/2016 e com a Lei N° 13.415/2017 (BRASIL, 2017).

Figura 1 – Níveis de *engajamento* dos jovens no Brasil quanto ao seu vínculo com o mercado de trabalho, segundo Banco Mundial (2018)



Fonte: Angel-Urdinola e Gukovas (2018) e Rios-Nieto (2017) para este relatório.

Fonte: Retirado do relatório do Banco Mundial (2017, p. 14)

O raciocínio discursivo do Banco é: no Brasil há desigualdades sociais e problemas de desenvolvimento econômico por falta de produtividade do trabalho; os jovens brasileiros não se inserem adequadamente no mercado de trabalho e não são produtivos, pois são desengajados – há aqui um discurso de desqualificação dos jovens no campo individual, desconsiderando as condições de vida (social, cultural, educacional e, principalmente, econômica); a solução é gerar *engajamento* econômico dos jovens e para isso a educação seria o meio para tal.

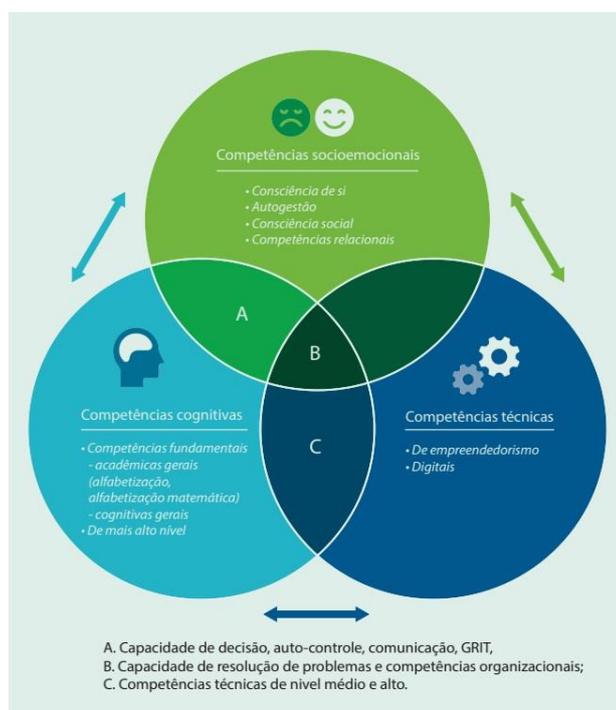
O interesse do Banco Mundial pelo direcionamento no debate sobre o *engajamento* e *desengajamento* econômico dos jovens se baseia, fundamentalmente, como marco conceitual na teoria do capital humano. Segundo Gaudêncio Frigotto (2015), essa noção de capital humano desempenharia um papel fundamental no ideário social, criando e afirmando a ideia de que por meio da escolaridade a ascensão e mobilidade social estariam garantidas e, portanto, caberia à escola a responsabilidade para tal. Nas palavras do Banco: “se a educação básica e o sistema de desenvolvimento de competências estiverem preparados para atender às demandas dos empregadores, os jovens terão maior chance de acompanhar as mudanças e atendê-las” (BANCO MUNDIAL, 2018, p. 9). Vê-se que o papel da educação na preparação desses jovens, se torna meramente econômico, visando atender as demandas do mercado.

Dado que o jovem de hoje será amanhã, o trabalhador na faixa etária mais produtiva, a atenção deve voltar-se não apenas para as competências fundamentais

desenvolvidas mais cedo na vida, mas também para a aprendizagem que ocorre ‘no emprego’ e em programas de capacitação. (BANCO MUNDIAL, 2018, p. 9).

Entre mudanças desejadas na escola está “a criação de um novo currículo baseado em competências e o modelo de escolaridade em tempo integral são passos importantes [...]” (BANCO MUNDIAL, 2018, p. 32). As habilidades e competências defendidas estariam organizadas em três tipos: cognitivas, técnicas e socioemocionais, como demonstra a figura que segue.

Figura 2 - As competências desejadas pela sociedade globalizada e pelo mercado de trabalho, segundo o Banco Mundial (2018)



Fonte: Retirado do relatório do Banco Mundial (2018, p. 10)

O Banco Mundial também destaca como importante as competências relacionadas às tecnologias digitais. Estas deveriam ser desenvolvidas desde a primeira infância até a juventude, pensando na inserção dos jovens no mercado de trabalho (BANCO MUNDIAL, 2018)<sup>11</sup>.

Gonçalves, Guerra e Deitos (2020, p. 320-322), ao fazerem análise do mesmo documento do Banco explorado neste trabalho, afirmam:

<sup>11</sup> Para aprofundamento da análise sobre o projeto educativo do Banco Mundial, cf. Reis e Shiroma (2020).

Essas competências definidas pelo Banco Mundial (2018), cujo intuito é compor uma agenda para juventude brasileira, serão delineadoras da qualidade de ensino no país. Os processos de avaliação em larga escala, bem como a elaboração de livros didáticos, respaldar-se-ão nas competências dispostas pelo Banco Mundial (2018). [...] Para conseguir um emprego, na definição encontrada no documento, o jovem necessita de engajamento. O engajamento é entendido como a capacidade de contribuir com o desenvolvimento econômico do país. [...] A questão central reside no fato de impor ao jovem a responsabilidade de ser o motor da economia. Assim, a qualidade educacional neste contexto caracteriza-se, apesar do apelo democrático e inclusivo, pela ênfase gerencial, com forte viés tecnicista e produtivista (DOURADO, 2007). O que se exige da educação é o retorno à produtividade. [...] Pela exposição, entende-se que os princípios educacionais do documento do Banco Mundial - Competências e Empregos: Uma Agenda para a Juventude, de 2018, anunciam a desqualificação do conhecimento, visto que a qualidade na educação, baliza-se pela formação socioeconômica, isto é, sujeitos com uma formação restrita, a fim de que contribuam para a permanência do existente e para a negação de seu próprio processo emancipatório (GONÇALVES; GUERRA; DEITOS, 2020, p. 320; 321; 322);

Pelo exposto, para o Banco Mundial (2018) a obtenção de tais competências, seja na escola ou no mercado de trabalho, seria um fator determinante, juntamente com a sua integração ao capital humano do Brasil. Se os jovens atenderem este receituário estarão engajados, comprometidos, envolvidos, alinhados, arrebanhados, empenhados, abraçados às demandas do capital – retomando os sentidos apresentados no início deste trabalho. Na essência teremos jovens trabalhadores obedientes, adaptados e resilientes.

Frigotto (2015) aponta que foi a partir da década de 1970 que surge um conjunto de noções ao encontro do ideário economicista de capital humano. Entre o novo vocabulário social e pedagógico, principalmente a partir dos anos de 1990, aparecem as noções de sociedade do conhecimento, qualidade total, pedagogia das competências, empregabilidade e empreendedorismo – podemos acrescentar hoje engajamento dos jovens, engajamento docente etc. Contudo, cabe lembrar que,

O capital já não necessita de toda a força de trabalho e já não há lugar para a estabilidade do trabalhador. Há apenas lugar para os mais ‘competentes’, ou que desenvolvem, ao longo de sua vida, aquelas qualidades técnicas e psicossociais que interessam ao mercado. Cada indivíduo tem que isoladamente negociar o seu lugar e moldar-se às necessidades do mercado e pelo tempo que o mesmo necessita. (FRIGOTTO, 2015, p. 220)

Desse modo, a individualização e a meritocracia tomam conta do campo social, desestruturando e precarizando ainda mais a situação da classe trabalhadora.

### ***O engajamento nos documentos da política educacional***

Para além das fontes já citadas, fizemos a busca e análise nos seguintes documentos: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96; livro que compila todas as Diretrizes Curriculares da Educação Básica; Resolução CNE/CP nº 2/2015, que definiu Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para formação inicial e continuada de professores; Lei nº 13.415/2017, que trata da reforma do Ensino Médio; Base Nacional Comum Curricular (BNCC); e, por fim, Resolução CNE/CP nº 2/2019 (BRASIL, 1996; 2013; 2015; 2017; 2018; 2019).

Não encontramos nenhuma vez o termo “*engajamento*” ou suas variações na LDBEN/1996, na Resolução n. 2/2015 e na Lei que institui o novo Ensino Médio (BRASIL, 1996; 2015; 2017). No livro que compila todas as DCN da Educação Básica até o ano de 2013 (composto por pareceres e resolução, totalizando 565 páginas) encontramos cinco menções a *engajamento* – todas elas se referindo ao engajamento da família ou da comunidade com as questões da escola ou pautas da educação, como educação ambiental.

Por sua vez, na BNCC a partir do radical da palavra, “*engaja*”, localizamos 24 menções, sendo “*engajamento*” sete vezes e outras como engajar, engajar-se e engajado (BRASIL, 2018). Ao analisar o sentido do uso dessas palavras na BNCC percebemos, primeiramente, sua relação direta com o conceito apresentado em dicionários, referindo-se ao empenho e envolvimento em uma atividade específica ou a participação ativa (HOUAISS, 2009). Contudo, em diversas passagens, ainda que implicitamente, é perceptível sua relação com o discurso meritocrático e competitivo, a exemplo da *gamificação*, ou até mesmo ao mundo das mídias sociais, como vemos em afirmações do tipo: “Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil” (BRASIL, 2018, p.61); “aprofundam-se também as análises das formas contemporâneas de publicidade em contexto digital, a dinâmica dos influenciadores digitais e as estratégias de *engajamento* utilizadas pelas empresas” (BRASIL, 2018, p.503); ou ainda, “conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens” (BRASIL, 2018, p.17).

Essas manifestações reforçam a necessidade de um olhar atento aos sentidos e, principalmente, as intenções por trás do uso desse ou de qualquer outro termo em um documento curricular, uma vez que influenciará propostas pedagógicas de escolas e práticas docente.

Por fim, retomando as DCNFIP na Resolução n. 2/2019 (BRASIL, 2019), encontramos 17 vezes *engajamento* ou suas variações: *engajamento* (nove aparições, sendo 4 vezes *engajamento profissional*), *engajar-se* (seis menções), *engajada* (uma), *engajem* (uma).

*Engajamento* profissional ocupa lugar central na BNC-formação inicial (BRASIL, 2019), pois corresponde uma das três dimensões que a formação docente deve focar a partir dessas Diretrizes – são elas: “I-conhecimento profissional; II- prática profissional; e III- *engajamento* profissional”. Cada uma é composta por uma lista de “competências específicas” que os/as docentes devem desenvolver (BRASIL, 2019, p. 2). Essas três dimensões pouco têm de conteúdo ou conhecimento que o/a professor/a deve saber, mas muito há de lista de comportamento. Mais parece um manual de conduta de como os/as docentes devem agir, se portar ou fazer. Destacamos um dos trechos em que vincula *engajamento* e *compromisso*<sup>12</sup>:

Art. 4º [...] § 3º As competências específicas da dimensão do **engajamento profissional** podem ser assim discriminadas:

I - **comprometer-se com** o próprio desenvolvimento profissional;

II - **comprometer-se com** a aprendizagem dos estudantes e colocar em prática o princípio de que todos são capazes de aprender;

III - **participar do** Projeto Pedagógico da escola e da construção de valores democráticos; e

IV - **engajar-se, profissionalmente, com** as famílias e com a comunidade, visando melhorar o ambiente escolar. (BRASIL, 2019, p. 2, grifo nisso)

De forma geral, os engajamentos mencionados na Resolução n. 2/2019 se referem desde o processo formativo na graduação, o que se espera das instituições formadoras e o que se espera do/a egresso/a das licenciaturas quando estiver atuando como professor/a, já no mercado de trabalho (BRASIL, 2019). As competências esperadas deste profissional se aproximam das defendidas pelo Banco Mundial (2018). Busca-se desenvolver habilidades e competências nos professores, para que este as reproduzam nos estudantes, futuros trabalhadores, sendo que essa tendência está presente como política educacional desde a década de 1990 (RAMOS, 2006).

## Considerações Finais

---

<sup>12</sup> Encontramos 17 vezes expressões que se referem ao professor *comprometer-se com* ou ter *compromisso com*. As palavras usadas são *comprometer-se* (8 aparições), *compromisso* (7) e *comprometimento* (2).

Ao longo do trabalho buscamos mostrar os sentidos e riscos contidos no *slogan* *engajamento* docente, “sentidos subjacentes a essas luzes que de tanto ofuscar ‘desiluminam’” (SHIROMA; EVANGELISTA, 2014, p. 11). Parece obvio, mas faz-se necessário dizer que o problema não está em usar a palavra prevista no nosso vocabulário, mas, dependendo do sentido e projeto educativo a que serve, seu uso se torna um problema, em especial para a formação docente e para a classe trabalhadora.

Em nosso entendimento, o sentido do *engajamento docente*, por nós reconhecido como um novo *slogan* da política, presente na BNC-Formação Inicial, é perverso e composto por muitas faces! Entre elas destacamos: a) ao insistir de que o professor precisa se *engajar* (com a escola, com as crianças, com as famílias, com sua autoformação e desenvolvimento profissional, com os interesses do mercado etc.) está se insinuando ou parece querer dizer que ele/a não é comprometido/a, portanto tem um sentido de desqualificação desses sujeitos; b) caminha na direção da intensificação da responsabilização dos docentes, pois coloca sobre eles tantas tarefas e condições para atuação que não está sobre sua alçada (lacunas na formação, condições de trabalho, buscar soluções para problemas que não se originam na escola, mas se manifestam nela etc.); c) o discurso do *engajamento* pode ser mais uma forma de ampliar o controle sobre os professores a partir das métricas, ou seja, se manifestar em resultados nas avaliações em larga escala; d) em última instância, o projeto em tela, um *professor engajado*, está ao encontro dos interesses capitalistas, o que já vem acontecendo nas últimas décadas na formação de professores (TRICHES, 2016).

Em síntese, nos parece que o termo *engajamento docente* ou *engajamento profissional* docente vem como uma nova expressão, mas na mesma direção de políticas anteriores, onde chamava-se de protagonismo docente (ALVES, 2012), reconversão docente (EVANGELISTA, 2009) ou no “Seja professor. A profissão que pode mudar um país” (EVANGELISTA; TRICHES, 2014, p. 48). Trata-se de um novo *slogan* educacional para velhos interesses do capital, contribuindo com o ciclo vicioso de internalização do modo de ser, estar e entender este modo de vida, principalmente, naturalizando suas desigualdades e contradições.

## Referências

ALVES, Mari Celma M.. *Protagonismo docente: Rede Kipus de Formação na América Latina*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

ANFOPE; FORUMDIR. *Orientações para as IES sobre a necessidade de adiamento das alterações nos PPC das Licenciaturas e Pedagogia*. 12 de maio de 2021, 2021. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/faced/wpcontent/uploads/2021/05/DocANFOPE\\_FORUMDIR-1.pdf](https://www.ufrgs.br/faced/wpcontent/uploads/2021/05/DocANFOPE_FORUMDIR-1.pdf). Acesso em 31/05/23.

ANPED. *Uma formação formatada posição da ANPEd sobre o “texto referência - diretrizes curriculares nacionais e base nacional comum para a formação inicial e continuada de professores da educação básica”*. 2019.

BAHIA, Sabrine B. de M. H. . *Professores iniciantes nos anos iniciais do ensino fundamental e a constituição de uma docência engajada*. Dissertação (mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020

BALDISSERA, Olívia. *O que significa engajamento e por que ele é essencial nas organizações*. Negócios e Gestão. Pós PUC/PR Digital. Publicado em 22/04/2021. Curitiba: PUC/PR, 2021. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/engajamento>. Acesso em 31/05/23.

BANCO MUNDIAL. *Competências e Empregos: uma agenda para a juventude*. Síntese de constatações, conclusões e recomendações de políticas. Relatório Grupo Banco Mundial. 2018. Disponível em: [https://documents1.worldbank.org/curated/pt/953891520403854615/pdf/123968-WP-PUBLIC-PORTUGUESE-P156683-CompetenciaseEmpregosUmaAgenda paraaJuventude.pdf](https://documents1.worldbank.org/curated/pt/953891520403854615/pdf/123968-WP-PUBLIC-PORTUGUESE-P156683-CompetenciaseEmpregosUmaAgendaparaJuventude.pdf). Acesso em 31/05/23

BRANDT, Andressa G.; HOBOLD, Márcia de Souza. Base Nacional Comum para Formação de Professores da Educação Básica (BNC-FORMAÇÃO): que concepção de formação de professores para o Curso de Pedagogia?. *Revista Epistemologia e Práxis Educativa-EPEduc*, Piauí, v. 06 n. 01, p. 01-19, 2023.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base. Versão livro. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 30/maio/2023.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) n. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. *Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e outras mudanças, instituindo a reforma no ensino médio. Brasília: MEC, 2017a. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm). Acesso em: 30/maio/2023.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. 2006b. Diário Oficial da União, Brasília, 16 mai. 2006b, Seção 1, 11p.

BRASIL. *Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019*. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica

(BNC-Formação). Diário Oficial da União, Brasília, 15 de abril de 2020, Seção 1, pp. 46-49  
Brasília: CNE, 2019a.

BRASIL. *Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015*. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília: CNE, 2015a.

COSTA, Luís Fernando Celestino. *Pedagogia do engajamento em projetos de intervenção local na formação continuada de docentes na EJA a distância*. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

CUNHA, Antonio G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DAUD, Rafael Petta. *(Des)engajamento moral e atuação docente frente ao bullying escolar*. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, 2018.

ENGUITA, Mariano. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

EVANGELISTA, Olinda. Rede kipus e reconversão docente na América Latina e Caribe. In: *IV Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais*, 2009, Cascavel PR. Quarto Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais. Cascavel PR: UNIOESTE, 2009.

EVANGELISTA, Olinda; FIEIRA, Letícia; TITTON, Mauro. Debate Diretrizes para formação docente é aprovada na calada do dia: mais mercado. *Universidade à Esquerda*, 14 de novembro, 2019. Disponível em: <https://universidadeaesquerda.com.br/debate-diretrizespara-formacao-docente-e-aprovada-na-calada-do-dia-mais-mercado/>. Acesso: 25/05/23

FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutivo 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. *Revista Trabalho Necessário*, v. 13, n. 20, 2015.

GONÇALVES, Amanda M.; GUERRA, Dhyovana; DEITOS, Roberto A. A política da qualidade educacional para o Banco Mundial proposta no documento: uma agenda de competências e empregos para a juventude de 2018. *Germinal: Marxismo E educação Em Debate*, 12(1), 315–324, 2020.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da Cultura*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

HOUAISS. *Dicionário online de Língua Portuguesa*. 2023. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#0](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#0). Acesso: 10/05/23

MARX, Karl. *O Capital*. Crítica da Economia Política. O Processo de Produção do Capital. Livro 1, Volume 1. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MARTINS, Elisabeth L. de S.. *Antecedentes de engajamento de professores da educação básica*. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás: UCG, 2019.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005

MICHAELIS. *Dicionário online de Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso: 10/05/23

MOTA, Vidal da. *Professores engajados: concepções acerca da formação política*. Dissertação (mestrado Profissional). Universidade de Taubaté, PPGEDH/MPE, 2017.

PRIBERAM. *Dicionário Priberam online de Língua Portuguesa* [em linha]. 2008-2021, 2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso: 10/05/23

RAMOS, Marise N.. *A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?*. 3. ed.. São Paulo: Cortez, 2006.

REIS, Luiz H. F.; SHIROMA, E. OTO. Trabalho e Educação na agenda do Banco Mundial para juventude brasileira. *Revista Labor*, v. 1, n. 24, p. 511-537, 4 nov. 2020.

REPPED; ANDIPE. O posicionamento da REPPED e ANDIPE sobre a configuração do CPe em face da Res. 2/2019 do CNE. 2022. Disponível em: [https://www.andipe.com.br/\\_files/ugd/fd8b07\\_6be5b2d0901644b1bf43fc407a94f13b.pdf](https://www.andipe.com.br/_files/ugd/fd8b07_6be5b2d0901644b1bf43fc407a94f13b.pdf). Acesso em: 10/03/23.

SEBRAE. *Como promover o engajamento nas redes sociais*. Mercado e Vendas/Marketing. Publicado em: 28/07/2022, São Paulo: SEBRAE, 2022. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-promover-o-engajamento-nas-redes-sociais,6606d5a0b0642810VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em 31/05/23.

THOMPSON. E.P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: \_\_\_\_\_. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo. Cia. das Letras, 2005.

TRICHES, Jocemara. A formação de professores nos cursos de licenciatura da UFSC. *Projeto de Pesquisa (2021-2025), Sigpex/UFSC n. 202109205*. Florianópolis: EED/CED/UFSC, 2021.

TRICHES, Jocemara. *A Internalização da Agenda do Capital em Cursos de Pedagogia de Universidades Federais (2006-2015)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2016.